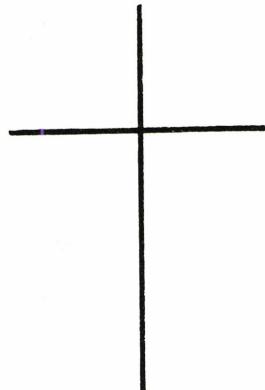


INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

CASA SANTO TOMÁS DE AQUINO

BELO HORIZONTE



Coadj. FRANCISCO DO VAL

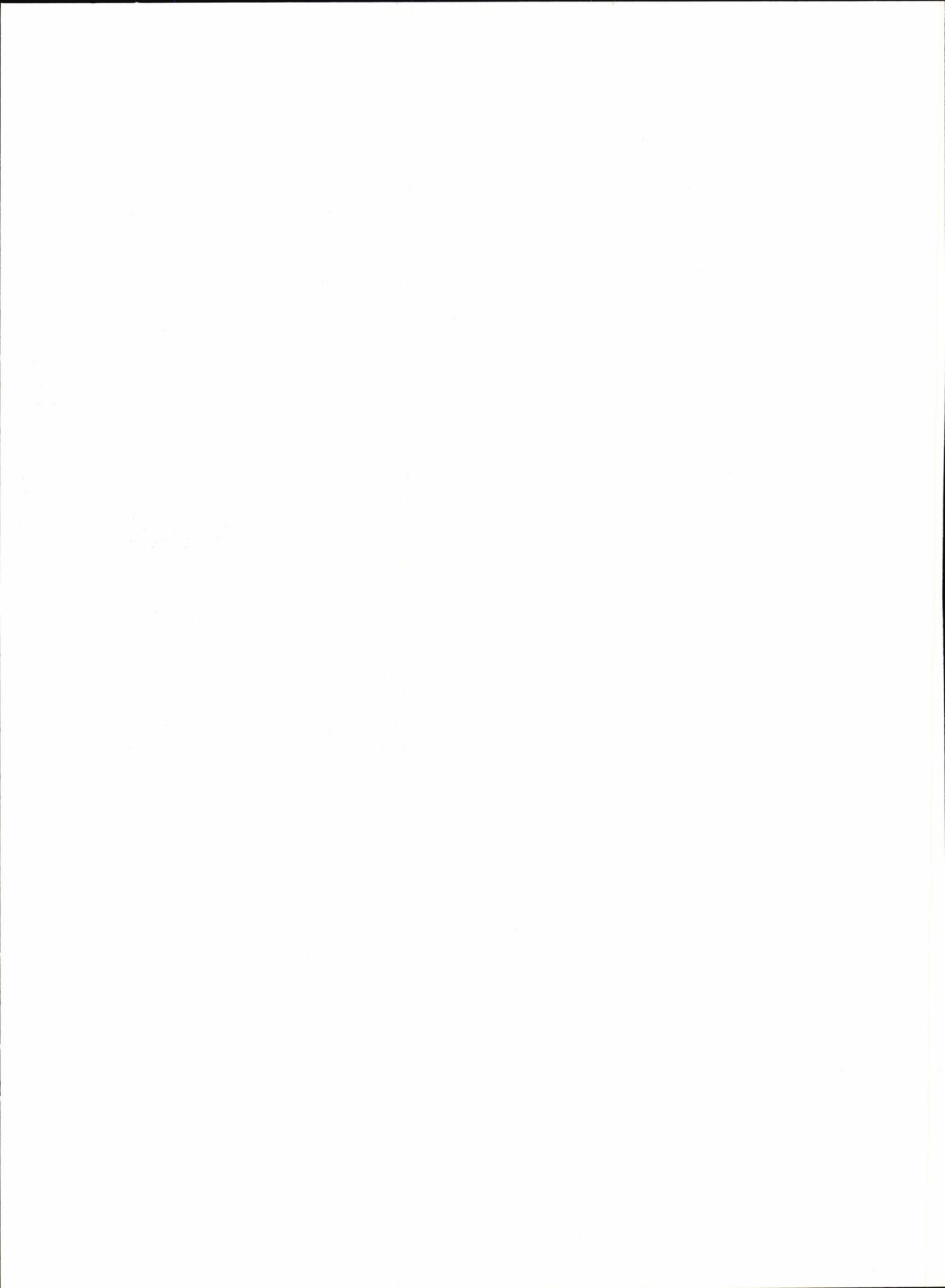
Prezados Irmãos,

Queremos, através desta carta, partilhar com vocês algumas recordações que guardamos de nosso querido irmão Sr. Chico, que foi para a Casa do Pai. Re-colhendo aqui o testemunho de pessoas que conviveram mais de perto com ele au-guramos que, contemplando suas obras, glorifiquemos nosso Pai que está no Céu.

Sua morte não foi manchete no Jornal Nacional da Rede Globo, mas apa-receu nas páginas singelas do jornal *O Arruia*, órgão da Associação Artística Coral Júlia Pardini, cuja regente é sua sobrinha Elza do Val Gomes.

“TIO CHICO – É difícil falar de pessoas simples, e, no entanto, é nec-es-sário que as pessoas saibam que elas ainda existem. Pessoas que são tão grandes na sua simplicidade, que inspiram nas outras sentimentos de fraternidade, de des-pojamento da vaidade, que carregam quase como uma necessidade de sobrevivên-cia. Falo dele porque era leitor assíduo d’ *O Arruia* desde seus tempos de secretá-rio dos colégios salesianos, por onde passou.

Queria ser o último dos salesianos, se anular, mas servir, servir sempre, obedececer, rezar... Morreu no dia 22 de Agosto e foi enterrado no dia 23, depois de uma missa digna de um Bispo. 15 Sacerdotes paramentados de branco e muitos



jovens seminaristas, cantando, fizeram daquele momento um dos mais bonitos de nossa vida, quando tantos testemunharam seu amor ao Irmão Francisco. Os santos são assim, estão sempre nos surpreendendo!" (*O Arruia* - Belo Horizonte, 30 de agosto de 1988, página 3).

Quem foi o Sr. Chico? Demos a palavra a seu irmão Paulo do Val e à sua sobrinha Elza.

FRANCISCO DO VAL

"Francisco do Val nasceu em Belo Horizonte, no dia 4 de Outubro de 1910, dia dedicado a São Francisco de Assis. Seus avós maternos e seus pais, portugueses de Coimbra, vieram para Belo Horizonte como imigrantes, atraídos pela construção da Nova Capital que nascia – Belo Horizonte – oferecendo trabalho a todos aqueles que se dispunham a enfrentar a árdua tarefa de pionero.

A FAMÍLIA – Profundamente religiosos, austeros, seus pais criaram a família dentro de um ambiente católico, num sistema rígido de integral respeito aos bons costumes, onde as virtudes eram exaltadas e o princípio de disciplina deveria ser aceito sem contestações.

Seu Pai – Antônio do Val – foi Mestre de Obras do Estado e nesta função participou das obras da nova Capital de Minas Gerais, principalmente da construção de prédios públicos da Praça da Liberdade, inclusive do Palácio do Governo. Como figura patriarcal, era com imenso orgulho que levava nas procissões o Pálio do Santíssimo ou o estandarte da Liga Católica, da qual foi fundador.

Sua Mãe – Maria Guedes do Val – como dizia o Chico, era a própria mulher forte da Bíblia. Cuidava sozinha dos afazeres domésticos e ainda fazia pão, lavava roupa, plantava horta... Com o produto de sua horta conseguiu amortizar a dívida da construção de sua casa, que foi construída pelo Sr. Antônio do Val. Demolida em 1960, levou com ela um passado de história da Família Val, representando uma recordação de um tempo feliz para todos os que dela usufruíram.

Foi no porão desta casa que nasceu a 1^a da 2^a geração, fato que teve participação direta do Sr. Chico, então com a idade de 19 anos. Corria o ano de 1930 e toda a família se refugiou no porão da casa, inclusive as irmãos casadas, da revolução que assustou os antigos moradores de Belo Horizonte. As balas de fuzis do 12º RI pipocavam nas ruas e paredes das casas, e mesmo assim, o corajoso Chico saiu para buscar a parteira, que atenderia sua irmã Marocas, no nascimento de sua primeira sobrinha; isto no dia de seu próprio aniversário.

Teve os seguintes irmãos: Joaquina, conhecida por Quininha, Maria, apelidada de Marocas, Ana ou Anita, Tereza, Maria Izabel, Maria da Assumpção, e Paulo. Apenas Quininha não se casou. E dos irmãos Francisco herdou 20 sobrinhos e 35 sobrinhos-netos.

ESTUDOS – Francisco, sempre conhecido por Chico, começou os estudos primários na escola particular de Dona Chiquinha – Colégio São Luís Gonzaga, onde estudavam também suas irmãs. A mestra, muito severa, talvez não tenha entendido a sensibilidade do aluno, e logo o definiu como “um menino que nunca aprenderá”.

Nesta ocasião ele tinha dificuldades na pronúncia das palavras, e sua irmã Tereza, um ano mais velha que ele, foi quem lhe ensinou a falar. Foi transferido para o Grupo Escolar Cesário Alvim e daí em diante não teve mais problemas, tendo, mais tarde, se tornado professor em Áritmética.

Nesta época freqüentava o catecismo do Padre Guilherme que era ministrado no pátio da casa de sua avó materna, Dona Joaquina, sob frondosas mangueiras. Ali se reunia a criançada da redondeza, em bancos rústicos distribuídos à sombra das árvores. O Padre Guilherme, reconhecendo os sentimentos de piedade do Chico, propôs ao pai encaminhar o menino ao Seminário de Congonhas do Campo. Chico ficou apavorado. Quando o Padre aparecia em sua casa, fugia, escondendo-se até em baixo da cama. O certo é que o menino nunca quis ser coroinha e talvez até tenha sido isto o início de sua aversão ao latim...

OFÍCIO E PROFISSÃO – Era comum entre as famílias que lutavam pelo pão-nosso-de-cada-dia, encaminhar logo os filhos para o aprendizado de um ofício, como também era muito raro o curso de ginásio. Assim, terminado o curso primário, o caminho era o ofício para adquirir uma profissão. Bem novo ainda, o Chico foi aprender os segredos da marcenaria.

Por influência do pai entrou na carpintaria do Estado, como aprendiz. E aprendeu bem a profissão, pois tornou-se excelente marceneiro e teve oportunidade de desenvolver uma qualidade, que o caracterizou por toda a vida: a habilidade manual.

Mais tarde, com recursos próprios, recomeçou seus estudos na Escola de Comércio. Esta Escola, uma das raras existentes em Belo Horizonte, na época primava pelo excelente conceito. Lá se formou Francisco do Val em “Perito Contador”. Nessa ocasião já estava trabalhando como escrivário na Secretaria de Viação. Foi, então, convidado pelo cunhado para o cargo de Contador da Firma “A Cristaleira”, casa de louças, que iniciava sua expansão com a instalação de filiais.

OUTRAS ATIVIDADES – Após concluir o Curso de Contabilidade,

fundou em sua casa, com alguns colegas, um curso de preparação para concursos em banco e empresas, sem prejuízo de seu emprego. Lecionava pela manhã e à noite as matérias de aritmética, álgebra e português.

Nesta fase também resolveu aprender a tocar violino. Como não tinha o instrumento, decidiu construir o seu próprio. Nunca tocou bem; – alegava que não tinha ouvido suficiente para a música. Para alegria da família e dos vizinhos, segundo seu irmão Paulo, esta atividade durou pouco tempo. “É provável, diz o irmão, que em algum museu se encontre, entre algum modesto *Stradivarius*, um famoso *Chicovarius*, de autor desconhecido”.

O ESPORTISTA – Neste período dedicou-se também a duas atividades esportivas. Uma delas durou muito pouco tempo. Participou da fundação do clube de futebol, o “Esporte Recreio”. Uma vez por semana lá ia o Chico de bicicleta, jogar bola na quadra do Clube Brasil, na Avenida Antônio Carlos, onde hoje é o Senai. Jogava de sapato, meia com liga... e como era um “perna de pau”, não recebia um passe sequer e quando pegava na bola era uma festa. Durou pouco. Uma perna quebrada de um companheiro acabou com o time...

A outra atividade foi a natação, no Rio Arrudas, onde hoje é o Parque da Colina. O poluído ribeirão de BH tinha, na época, um remanso arenoso, com água limpidíssima. O acesso era de bonde até a Gameleira, dali se ia a pé pela linha de trem da Central do Brasil.

ATIVIDADE PROFISSIONAL – Depois que entrou para a Firma “A Cristaleira”, melhorou muito sua situação financeira e teve condições de ajudar sua família. Anualmente tirava férias e ia para a praia, levando sempre sua mãe e sua irmã Quininha, com quem tinha grande afinidade, principalmente na parte espiritual. O pai, já idoso, não tinha disposição para viagens.

As utilidades domésticas da época – fogão a gás, geladeira, etc., foram compradas por ele. Ajudou seu irmão caçula nos estudos e, somente quando este se formou, foi que tomou a decisão de se dedicar à vida religiosa.

Na atividade profissional era o empregado que todos gostariam de ter. Assumia espontaneamente obrigações que não seriam de sua responsabilidade, as mais aborrecidas que fossem, parece que para cumprir um dos lemas de sua vida: servir e obedecer. Assim, tomou a si o dever de abrir e fechar a loja, acender e apagar as luzes das vitrines, terminando diariamente suas funções às 21 horas, quando não fazia serão com os demais empregados... Tudo pelo prazer de servir.

Por ocasião de maior movimento na loja, preparava, chegando mais cedo que os outros, os papéis de embrulho, de modo a facilitar o serviço dos demais. Muitas vezes pegava a vassoura e o espanador e não raro atendia aos fregueses

quando o movimento apertava. E tudo fazia com o maior entusiasmo e satisfação pelo dever cumprido; nunca se preocupou com os bens materiais.

Com seu temperamento de integridade sofria muito nas atividades profissionais quando, por dever do ofício, tinha que circular nos meandros das operações comerciais. Ele tinha momentos de conflitos. Sempre se impôs pela correção de atitudes. Os colegas o respeitavam a ponto de evitar conversas ou piadas impróprias em sua presença. Quando a conversa não lhe agradava, saía discretamente, deixando o grupo.

O CRISTÃO PRATICANTE – Além da missa dominical, participava da Liga Católica onde era “Prefeito” da Seção Santo Afonso, membro da Adoração Noturna Perpétua e, todo dia 19 de cada mês, lá estava na Igreja Boa Viagem, orando e participando da bênção do Santíssimo Sacramento. Antes de decidir-se a entrar na Congregação Salesiana, nos últimos anos, levou uma vida religiosa mais intensa, freqüentando quase diariamente as Igrejas da Boa Viagem, de São José e outras.

Tudo o que fazia era bem feito, com capricho, moderação e ordem. Sistemático ou filosófico, tinha suas práticas: bebia diariamente três goles de água antes das refeições e à noite, ao deitar, pausadamente, como se fosse a mais agradável das bebidas. Não fumava, não jogava, não tinha vícios. Até hoje, na família, quando se quer uma pequena fatia de doce ou queijo, é usual a expressão “a la Chico”.

NA CONGREGAÇÃO SALESIANA – Quando entrou para a Congregação já estava com 40 anos e foi servir no Colégio de Pará de Minas. Parecia um passarinho fora da gaiola, de tanta felicidade. Em algumas de suas cartas afirmava: “Aqui todo dia é dia de festa. Temos sempre um acontecimento ou uma data para comemorar”. Parece que foi o melhor período de sua vida, este, passado em Pará de Minas. Encontrou na Congregação e no Colégio tudo o que havia procurado durante toda a vida.

Ali ensinava datilografia aos meninos internos e aproveitava tudo o que já não nos servia nos escritórios, e não tinha vergonha de pedir: “Só quero o que não forem usar mais...” Assim ajuntávamos fitas de máquinas usadas, papel gasto de um lado só, folhinhas e agendas antigas, apontadores com defeito, e ele recebia tudo como um presente valioso.

Em Pará de Minas incentivou muitos meninos a amar a terra que cultivava fornecendo verduras, frutas e cereais, retribuindo a outros as suas alegrias de infância. Ajudava crianças pobres de nossas relações, que não tinham condições de pagar estudos, trazia outras tantas para tratamento de saúde na Capital. Era severo, mas cordial e de uma bondade autêntica.

Em Santa Bárbara tornou-se entusiasta da Banda de Música regida pelo Pe. Clóvis. Transmitia-nos seu entusiasmo em todos os trabalhos da Congregação introduzindo-nos no mundo sempre novo em que vivia. Sua felicidade pela participação da família nas festas realizadas nos colégios por onde andou era tão visível, que não podíamos passar por Ponte Nova sem ver o “Titio” e, às vezes, dormíamos no colégio por sua insistência, sentindo o quando considerava cada um de nós.

Em Resende, numa festa importante, a presença das irmãs e sobrinhos tornou-o tão feliz que, dizem, até se curou de um forte resfriado.

Quando foi transferido para Pará de Minas passou por um período difícil, que coincidiu com uma série de problemas sofridos pela Igreja. As notícias de fechamento de seminários, de religiosos abandonando os votos, de quebra de autoridade e outros fatos feriram sua sensibilidade. Não se queixava, mas em conversas mais íntimas deixava transparecer sua amargura. Mas sua fé estava acima de qualquer tempestade e, passada esta, continuou com o mesmo entusiasmo a sua caminhada.

A VISITA DO PAPA AO BRASIL – Um momento feliz ocorreu por ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil. Francisco do Val estava na multidão que lotou o Maracanã, no Rio de Janeiro, naquele histórico mês de julho de 1980. Sua Santidade passou por ele, ali preso diante do cordão de isolamento que separava o povo emocionado. De repente o Papa João Paulo II se volta, como se ouvisse um chamado e lhe estende a mão, abençoando o frágil Tio Chico. Este fato foi contado e comentado na família como algo de extraordinário que representou a maior glória para aquele que sempre acreditou nos ensinamentos familiares e tudo deixou para servir a Religião Católica.

“Bem-aventurados os humildes porque eles verão a Deus...”

A humildade sempre foi a maior das virtudes do nosso querido Irmão Francisco, do Tio Chico ou simplesmente do Chico do Val.”

Até aqui a palavra de seu irmão e de sua sobrinha.

O Sr. Chico fez o noviciado em 1954, em Barbacena, professando na Inspetoria São João Bosco no dia 31 de janeiro de 1955. Muito apreciado por seus companheiros, foi o escolhido para fazer o discurso de agradecimento no dia da primeira profissão. Temos ainda o original escrito na face em branco de formulários dirigidos aos Cooperadores Salesianos, com pedido de contribuições para as vocações, assinados pelo então Inspetor, Pe. Alcides Lanna.

Transcrevemos a parte inicial, que bem retrata o jeito de ser desse nosso irmão: “Recebi uma frase em latim. Todo mundo sabe que nada entendo de latim e

todos se riem quando o falo. É muito a propósito a frase deixada aqui pelo nosso amado Sr. Arcebispo Dom Helvécio: ‘Papagaio velho não aprende a falar’. Não fora a tradução dos latinistas meus colegas que me rodeiam, estava em palpos de aranha. “Quid retribuam Domino pro omnibus quae retribuit mihi?” - “Que retribuirei ao Senhor por todas as coisas que me tem dado?”

Ninguém vive independente. Se formos enumerar todos os favores que recebemos dos homens, ficaremos perplexos, preocupadíssimos e sem saber como agradecer aos nossos credores. E de Nosso Senhor? Como agradecer os favores que nos dá continuamente, a mancheias?

A cada passo aparecem-nos inúmeras dificuldades; e se não fosse a proteção de Deus? Aprendamos pois a vencer as dificuldades, com a graça de Deus.”

E no mesmo papel em que redigiu o discurso deixou anotada uma confidência: “E hoje, ao pé do altar, recebendo do Sr. Pe. Inspetor ao ouvido, um segredo, disse baixinho: “Ó meu Jesus! Um dia lá nos Céus cantaremos eternamente as vossas misericórdias”.

Após o noviciado o Sr. Chico teve as seguintes ocupações: de 1955 a 1966, secretário e professor em Pará de Minas; de 1967 a 1969, secretário em Santa Bárbara; de 1970 a 1975, secretário em Ponte Nova; de 1976 a 1978, secretário em Resende; de 1979 a 1980, ecônomo no Noviciado de Barbacena; de 1981 a 1983, secretário no Colégio de Belo Horizonte, e, de 1984 a 1988, membro da comunidade dos estudantes de teologia e ajudante da secretaria inspetorial, em Belo Horizonte.

Dentre os muitos salesianos que conviviam com ele, transmitimos o testemunho do Pe. Alfredo Carrara de Melo.

“O Noviciado, até 1978, funcionava inserido na comunidade do Instituto Tenente Ferreira, em Barbacena. No ano de 1979 deveria começar a funcionar como comunidade autônoma, em ambiente próprio. Sr. Francisco foi designado ecônomo desta comunidade a ser instalada. Ninguém melhor do que ele para fazer isso. Com sua experiência de contador, fez todas as práticas legais junto às repartições públicas. Tudo foi feito segundo a legislação. Percorreu todo o comércio comparando os preços para selecionar os fornecedores. A contabilidade era feita em dia e com exatidão. Atencioso e bondoso para com todos, sabia no entanto exigir com energia o que julgava justo. Muito econômico, não permitia que nada fosse desperdiçado.

Como formador era respeitado por todos, mesmo quando insistia em algumas exigências já um tanto fora de moda, porque era franco e falava com convicção. Muito metódico, conseguia muito com a saúde frágil que possuía.

A imagem que ele deixou em Barbacena de onde teve que se afastar após dois anos de trabalho, por motivos de saúde, foi a de uma pessoa austera consigo

mesma, exata no cumprimento de seus deveres, atencioso para com todos, muito humano e de uma piedade edificante”.

Sr. Chico passou os últimos anos de sua vida na Casa Santo Tomás de Aquino, que abriga a comunidade dos estudantes de teologia. Demos a palavra a seus irmãos de comunidade.

“A figura de *Seu* Chico está sempre presente em todos nós que convivemos com ele. Pequeninas coisas tornaram sua imagem viva em nosso meio.

Sr. Chico marcou-nos muito. Lembramos sua disponibilidade em servir. Já velho e doente, não se dobrou diante das tarefas a que se dedicava.

Sua espiritualidade era algo de comovente. Sempre presente às práticas de piedade. Devoto de Dom Bosco e de N.S. Auxiliadora, todo dia 24 e 31 de cada mês lembrava-nos as comemorações salesianas, expondo no mostrador seus santinhos, já velhos e surrados.

Hoje, ao chegarmos à capela sentimos um vazio. O daquela pessoa, que fazia dali o lugar preferido para passar horas agradabilíssimas, ao lado do Santíssimo Sacramento”. (Augusto César Carrijo, 3º ano de teologia).

“Conheci o Sr. Chico em 1980, no Noviciado de Barbacena, e desde então ele veio acompanhando nossa turma na filosofia e teologia. Ouvi várias vezes de sua boca: “Gosto de morar com os jovens porque eles são alegres...”

Gostava de ver a alegria manifesta quando terminávamos a limpeza da cozinha e refeitório após o jantar e perguntávamos: Pronto, Sr. Chico?! Ele olhava se estava bem feita e dizia: Tudo ótimo, obrigado!”

Fazia questão do trabalho e do trabalho bem feito. Trabalhou até ser colhido definitivamente pela doença. Nas últimas semanas reclamava com freqüência e pesar: “É, não aguento mais trabalhar”. Enquanto trabalhava fazia questão de aproveitar tudo, inclusive os papéis de rascunho. Não deixava perder nada. Viveu a pobreza com radicalidade. Ficava muito feliz quando podia prestar algum serviço. Sua presença na comunidade e no horário certo era sagrada”. (Adailton Altoé, 3º ano de teologia).

“O Irmão Chico, foi-se e deixou comigo algumas lembranças de atos concretos, que deveriam ser refletidos e seguidos.

Desde que o conheci, foi-se revelando um ente que transbordava alegria. É difícil repensá-lo sem a alegria em sua boca e em seus gestos acolhedores. Esse carinho doado resultou em profunda amizade.

Minucioso em seus deveres, reconhecia estar fraco, mas não admitia ser dominado pela doença. A oração o acompanhou por toda a vida. Algumas vezes

chegou a questionar as novas formas de expressão de espiritualidade, que as novas gerações iam propondo. Questionava para atualizar-se, para participar e rezar melhor” (Fernando Lopes Gomes, 1º ano de teologia).

Nos últimos anos, Sr. Chico escutava bem pouco mas, mesmo assim, não dispensava um bom papo. Apesar dos mal-entendidos, o Luís José Vidal, salesiano do 1º ano de teologia, recorda uma dessas conversas com ele, na sala de espera:

- É... eu já não comprehendo estas coisas (*preparando-se para assentar-se*). É que eu estou ficando velho... É, menino, é tudo tão diferente!
- Que é isso, Sô Chico? O Senhor ainda tá, ó... jóia!
- (*Já assentado*) Eu já chamei a atenção, sabe? É preciso respeitar mais as cozinheiras: Vocês ficam sem camisa aqui em baixo!... – Isto não é certo, né? No meu tempo não era assim. A gente tinha mais respeito... Mas, enfim, isso não é o mais importante! E eu gosto daqui, ficar no meio de vocês.
- (*Com um jornal na mão*): Aqui é bom porque passa muita gente.
- Como que é? Onde é que está dando enchente?
- Não!
- Eta, não estou escutando nada, tô ruim, ruim.
- Estou dizendo que A.Q.U.I É B.O.M, A.Q.U.I ... porque passa muita G.E.N.T.E.
- Graças a Deus! Toda casa tem que acolher bem os irmãos. É, acho que está na hora de tomar os remédios. Depois a gente conversa mais.
- É isso aí, Sô Chico.

Acometido de enfisema pulmonar e tuberculose, foi-se apagando lentamente, desfazendo-se como cerração, à medida que se aproximava o “Sol Nascente que nos veio visitar”. O Joaquim Carvalho (1º ano de teologia) nos conta: “No dia 20 de agosto, não tendo forças para caminhar, teve que ser levado nos braços para o hospital, contra a sua vontade, pois, na hora de entrar no hospital, querendo ainda caminhar, perguntava: “Onde está o meu sapato?” Foram as últimas palavras do Sr. Chico”.

E o Adailton acrescenta: “Até a madrugada de domingo, dia 21, esteve muito irrequieto, quando a chama da resistência e da vida começou a diminuir progressivamente, até segunda-feira, dia 22 de agosto, quando se apagou para reacender no encontro com a plenitude da vida”.

Duas horas antes foi ungido pelo Inspetor, Padre Décio Zandonade, acompanhado dos estudantes de teologia. Dava a entender que estava conce-

lebrando sua última liturgia aqui na terra.

Passemos a palavra ao Pe. Gruen: “Na noite daquele dia 22, um grupo de parentes, amigos e salesianos reuniu-se no velório do Cemitério do Bonfim. Em clima de serenidade e de muita participação, foi celebrada a Santa Missa, presidida por mim. O texto evangélico foi o da semente que, caindo na terra e morrendo, produz muito fruto (Jo 12,24). Vários dos presentes lembraram traços e episódios típicos do Sr. Chico”.

Particularmente o Pe. Gruen recorda: “Cada vez que o Sr. Chico abria a porta do quarto para entrar, costumava exclamar: “Graças a Deus!” Podemos imaginá-lo entrando na Casa do Pai, repetindo, como de costume, mas com voz forte e alegre: “GRAÇAS A DEUS!”

Prezados irmãos, unidos na mesma Fé, rezemos pelo Sr. Chico. Rezemos, também, com o Sr. Chico, pelos jovens chamados à vida salesiana, aos quais dedicou boa parte de sua vida, seu carinho e suas preces.

Belo Horizonte, 4 de novembro de 1988

*Pe. Antonio Martins Pinheiro
Diretor*

- Dados para o Necrológio:

Sr. Francisco do Val

* Belo Horizonte - MG em 4/10/1910

+ Belo Horizonte - MG em 22/08/1988

Com 77 anos de idade e 33 de profissão.

